



**OUTRAS
PERSPECTIVAS**



O PAPEL SOCIAL DA BIBLIOTECA E DA LEITURA: UMA ENTREVISTA COM JOSELIA AGUIAR

CRISTHIANO AGUIAR
VERA HANNA

Ao longo dos últimos anos, a jornalista Joselia Aguiar tem se destacado como um importante nome nos debates sobre literatura brasileira, tanto por sua atuação no jornalismo quanto pelo trabalho desenvolvido na curadoria de eventos literários. Recentemente, Aguiar também se engajou na escrita biográfica, com uma bem-sucedida biografia sobre o escritor baiano Jorge Amado, e na gestão pública como diretora da Biblioteca Mário de Andrade (SP). Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), Joselia Aguiar é mestra e doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Na presente entrevista, ela compartilha com os *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* (CPGL) um pouco da sua trajetória e de sua atual experiência na gestão pública e cultural.

CPGL: Você atualmente dirige a Biblioteca Mário de Andrade, umas das mais importantes bibliotecas não apenas da cidade de São Paulo, como do país. Na sua perspectiva, qual é a função social das bibliotecas?

Joselia Aguiar: *Sou frequentadora de bibliotecas desde a infância. Baseada nessa minha experiência inicial, a minha primeira resposta é que bibliotecas servem para oferecer acesso gratuito à leitura. Tenho lido de modo mais sistemático sobre papel e funcionamento de bibliotecas depois que me tornei diretora da Mário. Observo um entendimento global de que bibliotecas são o espaço por excelência de cidadania, de convívio e respeito à diferença, para o estímulo ao conhecimento sem qualquer restrição. Bibliotecas são espaços admirados socialmente e em certo sentido podem desempenhar com entusiasmo e respaldo funções inusitadas: agora, durante a quarentena contra a proliferação da covid-19, a Mário é um dos oito drive-thrus solidários para receber doações de kits alimentação, higiene e limpeza. Existe já uma discussão global de bibliotecas sobre qual será o nosso papel no pós-covid-19, e há um consenso de que nossas instituições vão ser muito importantes para atender cidadãos que estiverem sofrendo os efeitos da crise econômica, seja com clubes de leitura especiais, seja com cursos de formação e recolocação profissional.*

CPGL: Chama a atenção o quanto, em sua gestão, há uma grande diversidade de atividades culturais na Mário de Andrade. Em meio a essa rica programação, chama-nos a atenção a significativa participação de professores universitários, vindos de diferentes áreas. Qual é a importância do diálogo das bibliotecas com as universidades brasileiras?

Joselia Aguiar: *Quando cheguei à Mário, vi que havia em curso uma programação fixa de teatro, cinema e artes visuais, mas muito menos literatura e humanidades do que poderia haver; também entendi que existia um orçamento para Ação Cultural que não era totalmente utilizado – Ação Cultural é justamente a área que organiza a programação cultural. Então bastava pensar, planejar e criar processos para uma curadoria ativa, variada e sem interrupção, ampliando a presença da literatura e humanidades e ao mesmo tempo mantendo a transversalidade no campo das artes. Nós sempre buscamos oferecer atividades para os públicos mais diversos. Temos desde ciclos como “Escritor/ Escritora na Biblioteca”, em que recebemos autores e autoras para falarem de suas trajetórias; a ciclos como “Uma aula sobre”, com um formato mais didático, em que especialistas abordam um determinado autor ou tema; e também ciclos como o de “Saraus” e “Slams”, com visitas de grupos da periferia que trazem sua experiência com leituras e performances de poesia, em meio a apre-*

sentações de improviso e estreias literárias. Esse diálogo que vocês notaram com a universidade tem a ver com a minha percepção de que devemos contribuir para que o grande público tenha acesso ao pensamento crítico que é desenvolvido nos departamentos de Letras, História, Ciências de todo o país. Pessoalmente me sinto parte desse mundo, pois acabei de concluir um doutorado em História. Não significa pensar apenas em atrair universitários; é pensar, sim, em atraí-los, mas também quem ainda não está na universidade ou não necessariamente pretende estar, de modo que tenham acesso ao conhecimento produzido nas universidades.

CPGL: Você trabalha há anos como jornalista que acompanha o mercado editorial. Poderia nos contar um pouco como iniciou esse trabalho de jornalista de livros?

Joselia Aguiar: *Na época do vestibular, tentei os cursos de Jornalismo e de Letras em duas faculdades diferentes. Fui aprovada nas duas e comecei a fazer os dois cursos ao mesmo tempo, mas logo passei a trabalhar como jornalista e interrompi o curso de Letras, porque era impossível conciliar tudo. A minha ligação com a literatura era anterior e não exatamente por questões profissionais. E continuou sendo assim por um bom tempo, porque em redação de jornal trabalhei tanto na área de cultura quanto nas de economia e internacional. Até que voltei ao começo: a partir de 2005, passei a me concentrar apenas em jornalismo de livros, literatura e humanidades. Experiências que envolveram a Folha de S.Paulo e o Valor Econômico, também a revista mensal de livros EntreLivros, já extinta. Do jornalismo de livros, cheguei à curadoria de literatura: entre os projetos grandes nesse campo, primeiro o Festival da Mantiqueira (2014), depois as duas edições da Flip (2017-2018). O meu doutorado foi realizado no Departamento de História da USP, mas se trata de uma tese entre a história e a literatura. Nos últimos anos, estou levando mais seriamente o ofício de escrever, e minha estreia foi com a biografia do Jorge Amado publicada pela Todavia. O que posso dizer é que como jornalista de livros há menos oportunidades como há nas de economia; mas é como me sinto mais feliz e posso fazer mais e melhor.*

CPGL: Gostaríamos que você comparasse o panorama da literatura brasileira, bem como do mercado editorial, do ponto no qual você começou a

trabalhar, com o momento presente. O que você acha que se modificou ao longo dos anos?

Joselia Aguiar: *Nos últimos 15 anos, a cena contemporânea brasileira se modificou muito. Penso na época em que a EntreLivros começou a circular, em 2005. O usual era existirem autores do sexo masculino, as autoras apareciam muito mais esporadicamente nas páginas de cadernos e suplementos literários. Existia muita desconfiança quando era uma autora mulher. Havia também muito mais restrições a um autor que estreava, independentemente do sexo, mas claro que no caso das mulheres era mais ainda mais difícil. Discussões sobre racismo – para mencionar algo muito candente hoje – só ocorriam no mês da consciência negra, e por vezes nem assim. Também havia muito uma ideia de que se você não era um autor que tratava de temas urbanos, se não centrava sua história numa grande cidade, você era um autor “regionalista”, termo que era usado de modo pejorativo, quase como se houvesse um atraso em sua visão e procedimentos. Começaram a aparecer as editoras independentes; a internet contribuiu muito para que surgissem novas redes de leitores, publicações on-line, discussões muito vivas. A entrada em número maior de população negra nas universidades também nos ajudou a ter mais leitores de perfis variados, com interesses diferentes. Temos, portanto, uma mudança no perfil de editoras, de autores e de leitores. Leitores ainda em número muito pequeno para o tamanho da população, a leitura ainda é um hábito para poucos, infelizmente.*

CPGL: Outro momento marcante na sua carreira consiste na curadoria de duas edições da Flip. Há um consenso no meio literário do quanto esses dois anos, marcados pela sua visão curatorial, foram fundamentais não apenas para a renovação daquela festa literária, como para a consolidação de uma série de debates sobre literatura contemporânea brasileira. Para você, o que é uma curadoria literária bem-sucedida? Eventos não acadêmicos como a Flip ainda são relevantes?

Joselia Aguiar: *Eventos não acadêmicos como a Flip são relevantes, e por incrível que pareça nos meus anos de Flip – não apenas como curadora, mas como jornalista que por anos fez cobertura da Flip – eu ficava pasma ao perceber que os mais resistentes eram justamente grandes leitores, leitores experien-*

tes que obviamente não precisavam da Flip para se atualizar ou ter o interesse despertado. É claro que os eventos, sejam acadêmicos ou não, não são a única forma, tampouco a mais importante de incentivar a leitura. Uma coisa não tem a ver com outra. Os eventos ajudam a divulgar o livro e o autor, suas ideias; constituem pauta para os meios de comunicação, o que significa transformar a literatura em “assunto”. Muitos reclamam do fator “comercial” dos eventos. Ora, do que vivem autores, editoras, livreiros? Muitas vezes cobram de um evento não acadêmico que ele tenha o formato acadêmico, o que mais uma vez reflete uma grande incompreensão sobre a diferença entre as pessoas. Alguns leitores não querem participar de debates acadêmicos, e não significa que não possam vir a ser grandes leitores. Quanto ao tema da curadoria em si, depende muito do público. Se você for reunir um grupo de estudiosos da área de Letras, mesmo que convide os mesmos autores, o tipo de encaminhamento das mesas e das perguntas dos mediadores será diferente. Um evento para um público não especializado não terá um recorte exatamente teórico ou técnico, mas nem por isso será menos denso ou relevante. Acho importante que a curadoria tenha um norte, um centro, um sentido pensado. Não deve dar ao participante a sensação de que é um ajuntamento de nomes. Costumo comparar uma curadoria a um trabalho de edição: o que une esses autores? Existe uma pauta, ou algumas, compartilhadas? Mesmo que haja muita diversidade, e muitas pautas levantadas, ainda assim devem existir critérios, seja para a composição de uma mesa específica, seja para todo o programa. O que existiu durante um tempo, e estávamos acostumados, eram curadorias muito voltadas para um tipo de leitor bastante padronizado, sobretudo em suas preferências literárias: gosta de ler Roth e McEwan, literatura de língua inglesa feita nos Estados Unidos e na Inglaterra, que trate de certas questões, a partir de um tipo de narrador. São muitos os caminhos possíveis, sobretudo num país imenso como o nosso e com gente tão variada em seus gostos e interesses.

CPGL: Ano passado você lançou uma elogiada biografia sobre Jorge Amado. Qual é a importância de continuarmos lendo e relendo o escritor baiano atualmente?

Joselia Aguiar: *Jorge Amado continua a ter muitos leitores. Nos eventos de lançamento, me admirava ver na fila de autógrafos pessoas que não me conheciam e estava lá por causa dele, e eram pessoas jovens. Um rapaz no Rio*

tinha 20 e estava lendo todos os romances. Mesmo quem não é leitor de Jorge Amado pode encontrar interesse em conhecer sua trajetória: é uma figura importantíssima para entender a história cultural brasileira. Aprendi muito enquanto pesquisava e escrevia sobre ele. Um pouco do que tratamos aqui está lá: o país de poucos leitores, uma elite leitora com muitos preconceitos, o prazer de ler que sente leitores de todos os perfis. Como autor, estive muito preocupado com o país e sua população mais pobre. Os problemas que ele aponta ainda existem.

CPGL: Você acha que a universidade, em diferentes áreas das humanidades, tem dado a atenção devida à obra de Jorge Amado?

Joselia Aguiar: *Um dado importante é que a obra de Jorge Amado vem interessando a universidade desde pelo menos a década de 1940, em vários lugares do mundo. Há trabalhos sobre ele nos Estados Unidos nessa década; e trabalhos sobre ele na Rússia, também nessa época. Apesar de a crítica ter endurecido muito depois dos anos 1970, nunca deixou de existir algum tipo de pesquisa, sobretudo relacionada à representação da religiosidade brasileira; muitas vezes estudos no campo da antropologia. Houve uma mudança curiosa depois do relançamento de sua obra pela Companhia das Letras, a partir de 2008. Muitos críticos que não vinham escrevendo favoravelmente foram chamados a preparar apresentações, posfácios; fizeram leituras menos graves, menos demolidoras. Quando ocorreu o centenário, em 2012, alguns dos que tinham sido mais implacáveis se reposicionaram. Tem muita coisa para estudar de Jorge Amado, ficaria feliz se de algum modo meu livro suscitasse mais perguntas e contribuísse para mais trabalhos sobre ele.*